
Fundamentos linguísticos da indexação: uma revisão

Fundamentos lingüísticos de la indización: una revisión

Linguistic fundamentals of indexing: a review

Alexandre Robson MARTINES, Carlos Cândido ALMEIDA

UNESP – Marília/SP, Brasil, alexandre.martines@unesp.br, carlos.c.candido@unesp.br

Resumen

Las etapas del proceso de indización exigen del profesional conocimientos técnicos, específicos y especializados de la propia práctica, así como del universo científico o cultural inherente al material a clasificar e indizar. Los aspectos terminológicos son insumos fundamentales para el desarrollo del lenguaje documental; el análisis del lenguaje se ha convertido en un enfoque necesario, dado que el estudio del lenguaje a través de la lingüística y la filosofía del lenguaje ha evolucionado considerablemente en los últimos años. El objetivo de esta investigación es discutir el proceso de indización y analizar los fundamentos de la lingüística y la filosofía del lenguaje que pueden contribuir a una comprensión epistemológica de las capas de conocimiento que rodean todo el proceso de indización. Se aplicó una metodología cualitativa, exploratoria y bibliográfica. La tradición inherente a la indización ha hecho posible el uso de pronombres interrogativos, aspectos notionales y facetas, entre otros muchos modelos. Sin embargo, los aspectos modales impulsan el formato de la indización, mientras que la estrategia que subyace al formateo de los modales en el tratamiento de la información es el modelo que repercute en el comportamiento del usuario a la hora de realizar búsquedas.

Palabras clave: Indización. Lingüística. Fundamentos lingüísticos. Modales.

1. Introdução

O processo informacional é muito complexo e envolve vários níveis de expressão, interpretação e comunicação. Muitas das práticas de organização e representação da informação remontam à antiguidade, quando as pessoas responsáveis pela sistematização da produção do conhecimento se utilizavam de etiquetas, placas de argila, ou qualquer outro tipo de evidência para indicar o conteúdo presente em um determinado conjunto de materiais. Graças a essas práticas peculiares, que no passado distante eram tão simples e na atualidade exigem uma reflexão profunda e contínua de sua aplicabilidade, que a humanidade pôde prosperar e aprender com as práticas e epistemes dos antepassados, como ainda estudar sobre eles.

Abstract

The stages of the indexing process demand from the professional technical, specific and specialized knowledge about the practice itself, in addition to the scientific or cultural universe inherent to the material to be classified and indexed. Terminological aspects are fundamental inputs for the elaboration of documentary language; the analysis of language becomes a necessary approach, since the study of language through linguistics and philosophy of language has shown a lot of evolution in recent years. The aim of this research is to discuss the indexing process and analyze fundamentals of linguistics and the philosophy of language that can contribute to the epistemological-logical understanding of the layers of knowledge that involve the entire indexing path. A qualitative, exploratory and bibliographic methodology was applied. The tradition inherent to indexing made possible, among so many models, the interrogative pronouns, the notional aspects, facets, however the modal aspects lead the indexing format, since the strategy behind the formatting of the modals in the treatment of information is the model that impacts on the user behavior when carrying out searches.

Keywords: Indexing. Linguistics. Modals. Linguistic fundamentals.

Nesse cenário, todas as etapas que envolvem o processo de indexação exigem do profissional conhecimento técnico, específico e especializado sobre a própria prática, como ainda sobre o universo científico ou cultural inerente ao material a ser classificado e indexado. Frente a isso, observa-se que além da informação manifestada no enunciado dos artefatos, estes, durante o tratamento, são analisados como textos, sejam verbais, sejam não verbais, também são explorados a linguagem, os recursos tecnológicos e fatores psico-sociocultural do autor do texto, das formas de vida que envolvem a discussão proposta pelo texto, do profissional que realiza a indexação e do usuário.

Ademais, aspectos terminológicos são insumos fundamentais para a elaboração de linguagem

documental, como por exemplo os tesouros, assim tornando-se elementos constituintes do processo e do produto decorrentes da prática de indexação. Nessa linha, a análise da linguagem torna-se uma abordagem necessária, visto que o estudo da linguagem através da linguística e da filosofia da linguagem tem apresentado bastante evolução nos últimos anos.

Pode-se entender que a *filosofia da linguagem* remonta à antiguidade grega, já discutida com Platão e Aristóteles, retomada por Santo Agostinho, explorada por segmentos mentalistas como a escola de Port-Royal; por segmentos racionalistas, como os defendido por R. Descartes, G. W. Leibniz; por segmentos empiristas, como os apresentados por F. Bacon, T. Hobbes, G. Berkeley, J. Locke, D. Hume; além de ser alcançado pelos pensamentos iluministas como E. B. Condillac, D. Diderot, pelo lado francês, enquanto I. Kant, C. Wolff, J. H. Lambert, pela corrente alemã. A filosofia da linguagem também encontra lugar entre os lógicos e os estéticos do século XIX, como por exemplo J. G. Fichte, G. W. F. Hegel, W. von Humboldt, B. Bolzano, L. V. Welby, C. K. Ogden, I. A. Richards, F. Schiller, F. W. J. Schelling, C. S. Peirce. No século XX, o tema chamou a atenção de filósofos e de lógicos, como G. Frege, R. Carnap, J. L. Austin, J. R. Searle, L. Wittgenstein, J. Habermas e muitos outros estudiosos de MIT (Massachusetts Institut Technology), alguns contribuindo para avanços da linguística, como N. Chomsky e J. Fodor.

O problema da pesquisa considera que, embora a filosofia da linguagem tenha apresentado muitas contribuições para o estudo da linguagem, aspectos que envolvem sua forma, sua função como aparato da representação da realidade, da mediação da realidade, da descrição da realidade, da cognição, da relação mente, forma e realidade, acesso ao conteúdo e suas múltiplas plataformas de significação. De modo geral, o estudo da linguagem no cenário da ciência da informação, mais especificadamente do campo da *organização do conhecimento* no Brasil e na Espanha tem se fixado em uma terminologia ancorada na fundamentação apresentada no positivismo lógico, decorrente do Círculo de Viena e na semiologia de F. Saussure, de 1916, a qual se apegava à concepção do valor semântico oriundo da *langue*.

Frente a isso, o objetivo desta pesquisa é discutir processo de indexação e analisar fundamentos da linguística e da filosofia da linguagem que possam contribuir para a compreensão epistemológica das camadas de saberes que envolvem todo o percurso de indexação.

Para tanto, aplicou-se uma metodologia de natureza qualitativa, bibliográfica, já que busca analisar o estado da arte nas diversas correntes teóricas de concepções sobre a linguagem com o fito de evidenciar uma base teórica de nível internacional para validar sua aplicabilidade na relação mente, realidade e representação. Assim, foram consultadas as bases de dados: Brapci, Dialnet, Scopus, Google Scholar, além de anais de eventos como Enancib, Ibersid, ISKO Brasil, ISKO ibérico. A coleta se deu através de palavras-chave como *indexação*, *representação da realidade*, *representação da informação*, *processo cognitivo*, *conceito*, *terminologia*, *linguagem documental*, *linguagem de indexação*, *práticas de indexação* e *tesouros*. Recuperaram-se materiais em português, espanhol, inglês e francês. Diante do material consultado, destacam-se: García Gutiérrez (1985); Izquierdo Arroyo (1990, 1993, 1995); Gil-Leiva & Rodríguez Muñoz (1996); Fujita & Gil-Leiva (2009, 2014); assim como Córrea & Lapa (2013); Fujita (2016, 2021); Gil-Leiva (2021), para tratar dos processos, das práticas e da política de indexação; Nöth (1996); Saussure (2006); Zilberberg (2006); Fiorin (2007); Mussalim & Bentez (2011, 2012); Milani (2016); Nöth & Santaella (2017) para tratar de linguagem, linguística e texto.

Com o resultado desta pesquisa, espera-se que haja uma ampliação na discussão sobre o papel da linguagem no processo de representação da informação, em destaque no processo e prática de indexação, visto que a filosofia da linguagem e as teorias da linguagem evoluíram suas concepções epistemológicas e já se entende que a linguagem não é apenas a forma, mas atua na constituição do conteúdo, o que só é possível porque a linguagem é um dos fundamentos da cognição.

2. Indexação: práticas, modelos e política

A indexação é um processo complexo no cenário da ciência da informação e, conseqüentemente, para o campo da organização do conhecimento, visto que sua atuação engloba fatores herdados da ciência da documentação e da biblioteconomia, tendo em vista as necessidades informacionais oriundas da prática de classificar e catalogar, bem como o processo de elaboração de instrumentos descritivos cuja função é garantir a recuperação de informações de modo eficiente, rápido, preciso e competitivo.

A indexação como processo está fundamentada em estágios preciosos para que a evolução do serviço acompanhe as demandas sociais e científicas. Frente a uma renovação tecnológica, os

aparatos que circundam a prática de indexação também estão em constante debate visando à renovação.

A evolução da prática de indexação demonstra que as preocupações foram se tornando mais complexas, principalmente diante da quantidade de informações produzidas na atual sociedade, além de a indexação assumir nessa nova atuação um importante papel de democratização da informação, isto é, se no passado a preocupação estava centrada nos profissionais, ou melhor, a indexação era um mecanismo de navegação utilizada pelos profissionais para acessar os sistemas informacionais, portanto uma prática voltada para sistemas fechados, como as bibliotecas; agora, com o advento da tecnologia, a indexação enfrenta as exigências de um mundo conectado e em constante comunicação.

Nessa linha, entende-se que a linguagem de indexação, como ainda os comandos de navegação, ou os motores de busca têm se adequando às inovações dos sistemas de informação, ou seja, o processo de informatização e o uso de algoritmos têm possibilitado novos comandos e, conseqüentemente, novos modelos de conduta não só do profissional, mas também do usuário, já que este, em diversos sistemas informacionais, possui autonomia para realizar a sua busca.

Sendo assim, o modelo de indexação voltado para as bibliotecas necessita incluir novas propostas de reflexão a fim de avaliar se o modelo de indexação continua condizente com a conduta de quem realiza a recuperação da informação, pois é preciso ter em conta que o usuário se tornou plural, isto é, não se trata apenas do profissional da informação, do cientista ou do especialista, ou ainda do estudante. Com as novas propostas de acesso à informação, qualquer pessoa pode acessar a sistemas informacionais, assim a recuperação da informação não estará concentrada na terminologia especializada, pois há determinados grupos de usuários que não possuem conhecimento específico e a busca pode ter caráter introdutório no assunto.

Frente a esses fatores técnico-sociais, é objetivo desta seção retomar alguns fundamentos que envolvem o processo e a prática de indexação, a fim de analisar seus procedimentos, etapas e política para refletir sobre a relação indexação e usuário.

Dessa forma, entende-se que a informação permeia todo o processo e sua natureza é constituída em camadas de significado e significação, já que há versões sobre a mesma informação, ou seja, há a informação em seu estágio produtivo-discursivo, que seria sua condição de informação

produzida no interior de um documento, sob a intencionalidade de seu produtor/autor/escritor.

Há um segundo estágio de investigação, em que um profissional da informação, responsável pela sua organização e representação interage com o documento, assim havendo o momento de compreensão do assunto, do recorte temático, da intencionalidade, da aspectualização, para inserir esse documento em um contexto, ou seja, a chamada focalização, em que se aponta os conceitos principais, aqueles que melhor traduzirão o conteúdo do documento para potenciais usuários.

Um terceiro estágio, a condensação, em que todo o discurso do texto é canalizado na combinação de algumas palavras, no caso termos especializados, ou através de frases, conjuntos que são conduzidos pela linguagem documental; por fim, o estágio da comunicação, em que o usuário, através de comandos linguísticos, estabelece uma congruência semântico-linguística entre a interface utilizada pelo usuário e o conjunto de recursos indexados no sistema informacional.

Devido a esses fatores, a prática de indexação não se resume simplesmente a uma atividade de leitura, interpretação e seleção de palavras, embora essas palavras sejam correlatas a uma terminologia especializada.

As estratégias que envolvem a indexação precisam funcionar como âncoras de comunicação entre sistema informacional e usuário, por isso é preciso haver um modelo de indexação, um roteiro que possibilite que as informações estratégicas sejam veiculadas, pois o papel da indexação não é a tradução do texto original em um objeto informacional, já que isso é impossível, tendo em vista a disposição discursiva do documento original, assim é necessário entender que esse roteiro explora fundamentos modais da língua, os quais articulam informações no nível cognitivo de qualquer pessoa que interaja com ele.

Consoante Gil Leiva (2012, p. 31, tradução nossa),

a indexação gera palavras-chave, índices ou os cabeçalhos de assunto de um documento. Para obtê-los, previamente foi desencadeada uma sucessão interativa e simultânea dos processos mentais que têm a ver com a percepção da informação, da memória e da compreensão.

Frente a isso, reconhece-se que a aplicação das palavras-chave para identificar o documento é o produto da indexação, o qual é decorrente de etapas em que o indexador assume o papel de leitor, o qual age diante de um processo cognitivo que envolve conhecimento da técnica e do conteúdo, a linguagem, a percepção, a memória, a tomada de decisões e o autocontrole frente suas

escolhas visando às estratégias de recuperação da informação que estão no devir.

De todo modo, a prática de indexação se perfaz em três momentos: a) leitura e interpretação dos documentos; b) o reconhecimento e estabelecimento do assunto, dos temas e da intencionalidade presentes no texto, desse modo compreendendo as linhas de conhecimento aplicadas e, assim, identificar e selecionar os conceitos; c) a representação dos conceitos selecionados fazendo uso de uma linguagem documental, ou seja, aplicando termos fixados em uma linguagem determinada de indexação ou de um tesouro (Unesco, 1981).

Ao utilizar um tesouro como instrumento de indexação, a vantagem é a condução do processo por vocabulário controlado, bem como a correlação semântica ser orientada pelas relações dos termos. Com isso (Unesco, 1981, p. 91, tradução nossa),

[...] o número de termos indexadores de um documento e o desdobramento de entradas podem ser reduzidos sem danos, pois as relações genéricas e outras podem ser estabelecidas diretamente do próprio tesouro”.

Conforme aponta Fujita (2016, p. 4), há “[...] mudanças significativas no comportamento informacional de acesso e uso do catálogo por usuários que solicitam recuperação por assunto com mais especificidade, compatibilidade com sua linguagem de busca e disponibilidade de mecanismos de interação”, fator que demonstra uma perspectiva de indexação para o profissional que indexa, como uma outra potencial para o usuário, decorrente do estágio cognitivo que envolve conhecimento, motivações contextuais no momento da indexação ou da busca, como ainda a escolha da linguagem.

Nessa perspectiva, Fujita (2016, p. 4), indica que “[...] a linguagem documental é o instrumento que faz a diferença na mediação com a linguagem do usuário durante as estratégias de buscas em catálogos online”. Além disso, diante da amplitude de pesquisas realizadas através da tecnologia e bancos de dados online, afirma-se que “a qualidade dos serviços de disseminação online da biblioteca depende da linguagem utilizada para a indexação e recuperação porque não é possível a mediação física do bibliotecário, sobretudo quando a busca é por assuntos e exige mais precisão ou revocação com alta especificidade ou exaustividade” (Fujita, 2016, p. 4).

Diante disso, a indexação precisa lidar com o ponto mais frágil de sua atuação frente à organização e à representação da informação, visto que diante da pluralidade de meios de acesso e a democratização do perfil do usuário, os modais

de indexação possivelmente não sejam satisfatórios para contemplar os métodos de busca de modo amplo e geral, pois “para que essa mediação aconteça é necessário que o bibliotecário realize o processo de indexação na catalogação com uso de uma linguagem documental que seja a mesma a ser utilizada pelo usuário no momento da busca” (Fujita, 2016, p. 4) para, assim, garantir que haja o mesmo princípio linguístico que sustente a representação da informação e a correlação ao conteúdo registrado no sistema informacional, isto é, um padrão cada vez mais difícil de se manter.

Assim, a fim de evitar problemas na recuperação da informação, o processo de indexação é visto como elemento essencial de uma política de tratamento temático da informação, sendo influenciada por algumas variáveis como a escolha da linguagem, exaustividade, especificidade, revocação e precisão.

Para Fujita e Gil-Leiva (2014, p. 51), a linguagem é ferramenta de conversão, isto é, trata-se do “instrumento da indexação que cumpre a função de controle de vocabulário para o indexador e deve realizar a mediação na recuperação por assuntos pelo usuário”.

Assim, a exaustividade é componente da política de indexação e “[...] corresponde à quantidade de termos atribuídos à representação da forma que sejam suficientes para o âmbito de abrangência do conteúdo documental” (Fujita & Gil-Leiva, 2014, p. 51).

Por sua vez, a especificidade também é considerada componente da política de indexação e é “[...] determinada por níveis de especificidade entre os termos atribuídos para representar a abrangência do conteúdo para que determinado termo atribuído possa ser mais específico ou incluir outro mais específico” (Fujita & Gil-Leiva, 2014, p. 51).

Por fim, a revocação e a precisão são fatores dependentes e entre elas “[...] existe uma relação de relevância necessária para a recuperação da informação a fim de satisfazer uma necessidade de informação”, visto que um é responsável pela recuperação de informações, por conseguinte documentos úteis, enquanto a outra tem a função de evitar os inúteis (Fujita & Gil-Leiva, 2014, p. 51).

Nessa correlação de instrumentalização, evidencia-se que algumas práticas são conduzidas por uma normalização, assegurada por uma política de atuação; outros fatores são conduzidos pela matemática, dessa forma a fundamentação da lógica contribui para estabelecer parâmetros. No entanto, o maior problema desse processo é a

linguagem, visto que quanto mais abrangente for o sistema informacional em relação à indexação de informações armazenadas e maior for a variedade do perfil democrático do usuário, menor será a compatibilidade linguística. Desse modo, embora os tesouros tenham uma tensão semântica bastante forte, não serão suficientes para impedir esse distanciamento, devido à diversidade entre buscas conduzidas por uso de terminologias especializadas e buscas conduzidas por linguagem natural.

Sendo assim, a política de indexação deve conter esses fatores, já que o processo de indexação exige três fundamentos basilares: a) a política: sistematizada por normas e convenções; b) o sistema de indexação e recuperação: organizado e executado por lógica; e c) a linguagem: o insumo que alimenta o sistema informacional e também a interface que conecta documento, informação e usuário.

Como aponta Fujita (2021, p. 17), “a política de indexação não deve ser vista como uma lista de procedimentos a serem seguidos, e sim um conjunto de decisões que esclareçam os interesses e objetivos de um sistema de informação”. Outrossim, “a política decide não só sobre a consistência dos procedimentos de indexação em relação aos efeitos que se necessita obter na recuperação, mas, principalmente, sobre a delimitação de cobertura temática em níveis qualitativos e quantitativos tendo em vista os domínios de assuntos e as demandas” (Fujita, 2021, p. 17).

Somado a isso, Fujita e Gil-Leiva (2009, p. 156) apontam que a política de indexação deve ser entendida como [...] uma filosofia que reflita os interesses e objetivos da unidade de informação”, o que impacta nas questões gerenciais e estratégicas inerentes à configuração do contexto em que se apresentam as unidades de informação. [...] Com isso,] a indexação e, por conseguinte sua política, deve fazer parte do planejamento dos sistemas de informação de modo a compor-se como um conjunto de procedimentos, materiais, normas e técnicas orientadas por decisões que refletem a prática e princípios teóricos da cultura organizacional.

Nessa perspectiva, entende-se que o processo de indexação apresenta um modelo de práticas, serviços e estratégias bastante estabilizados e consagrados em referência ao que conduz o trabalho do profissional da indexação atuando frente a sistemas informacionais cuja interação com os usuários é restrita ao conhecimento sobre os assuntos e temas pesquisados.

Todavia, decorrente aos novos desafios que o cenário da informação tem enfrentado com as novas tecnologias e novas práticas de acesso, novos bancos de dados e novos perfis de usuário, a indexação também é provocada a refletir

sobre suas práticas e como pode corroborar a democratização do acesso informacional de modo mais abrangente.

Fica evidente que a tradição envolta à indexação se perfaz por fundamentos criteriosos e sistematizados em normas, regras e políticas para que o procedimento seja realizado da melhor forma possível. Além de debates concernentes à ética, à correspondência informacional entre documento e objeto informacional, estudos e debates sobre a indexação também apresentam elementos da matemática e da lógica para nortear suas análises e avaliações referentes ao trabalho, ao processo, às demandas e aos sistemas.

Porém, fica evidente que o ponto mais frágil no complexo processo que envolve a indexação é a linguagem, visto que esta reflete fatores culturais, cognitivos, lexicológicos, semânticos, pragmáticos, semióticos e discursivos presentes em todos os estágios de tratamento, organização, representação e acesso da informação, e a aplicação de tesouros não tem se mostrado suficiente para garantir o controle dos documentos recuperados nas pesquisas realizadas pelos usuários.

3. Fundamentos linguísticos: tratamento da linguagem e interpretação

A indexação é processo e produto inserido em uma complexidade de fatores que envolvem a linguagem, o conhecimento e a informação. Nessa linha, a linguagem ganha destaque nessa discussão devido aos fatores linguísticos que são inerentes à terminologia, no entanto pouco se explora os diversos fundamentos da linguística na ciência da documentação, na biblioteconomia e no campo da organização do conhecimento, restringindo-se, na maior parte das abordagens, à semiologia saussureana e os padrões formalistas estabelecidos pelo positivismo lógico do Círculo de Viena, que nega a substância e a metafísica na composição da linguagem.

Sendo assim, é válido argumentar que os estudos da linguística avançaram consideravelmente referente a seu objeto. Inicialmente, era focado na *langue* saussureana, porém, com o passar dos anos, passou a explorar não somente a forma, mas caminhos para analisar a significação através da forma, bem como caminhos para acessar o conteúdo, para tanto se aproximando, de fato, da psicologia, da neurociência, da sociologia e da filosofia.

Pode-se destacar três grandes linhas de desenvolvimento da linguística no cenário mundial. A saber, a primeira linha, que se originou nas discussões oriundas dos círculos de Viena, de Praga, de Copenhague e de Paris. Inspirados

pela filosofia dos mentalistas, dos formalistas e do, até então recente, estruturalismo positivista, os estudiosos dessa linha propuseram, em destaque, a forma. Assim, surge a discussão sobre o valor da palavra e como esse valor é produzido e recebido na sociedade. Nessa linha, evidenciase a semiologia de F. Saussure, que no *Cours de Linguistique Générale*, em 1916, lança a discussão mais aprofundada sobre o signo linguístico, sua constituição como significante (imagem acústica) e significado (conceito), além das questões em torno da *langue* (língua como sistema) e da *parole* (fala como uso individual) (Nöth, 1996; Saussure, 2006; Fiorin, 2007; Mussalim & Bentez, 2011; Milani, 2016; Nöth & Santaella, 2017).

Os avanços de L. Hjelmslev, na década de 1930, para a linguística estrutural merecem destaque, principalmente na sua nova proposta de configuração dos aspectos semióticos da palavra, assim denominados em sua glossemática de plano da expressão e plano do conteúdo, além dos desdobramentos abordando a forma e a substância, ou seja, atribuindo os fundamentos de forma da expressão e substância da expressão para tratar a forma em seus insumos e seus produtos, bem como forma do conteúdo e substância do conteúdo direcionados ao tratamento do conteúdo na concepção nuclear da palavra e sua aplicação em uma sentença, assim ampliando a concepção de língua para os *functivos*, cuja junção promove uma semiótica e os fenômenos de sistema e processo (Nöth, 1996; Fiorin, 2007; Mussalim & Bentez, 2011; Nöth & Santaella, 2017).

Na sequência, os trabalhos de R. Barthes apresentam grandes contribuições para a semiologia, avaliando o impacto social dos signos e a configuração de valor linguístico, o qual é denominado de mito pelo linguista francês. Com isso, há uma terceira concepção sobre a análise dos objetos linguísticos, ou melhor, com Saussure a análise recaía na palavra, com Hjelmslev, houve um avanço para a sentença, já com o Barthes há a diferença entre o enunciado e o discurso. Evidentemente, os termos ainda não eram recorrentes nas discussões de Barthes, todavia com as reflexões acerca do papel do mito na sociedade e como este velava os fatos reais, Barthes já demonstrava que havia níveis de significação para além daquilo que era manifestante no nível do enunciado (Nöth, 1996; Fiorin, 2007; Mussalim & Bentez, 2011; Nöth & Santaella, 2017).

Nos anos de 1960, a linguística já se consolidara em outras linhas, com outras abordagens, entretanto na linha estruturalista, surgira A. J. Greimas, com sua semântica estrutural, em 1978. Estudos de sua fase estruturalista já abordavam a importância do nível discursivo e, inspirado na fi-

losofia clássica, melhor especificando, na filosofia lógica de Aristóteles, Greimas apresenta o percurso gerativo de sentido, ancorado em três níveis: profundo, narrativo e discursivo. Greimas deu continuidade a seu trabalho até os anos 1990 e durante esse período foi aperfeiçoando sua concepção de semiótica. Seus discípulos deram continuidade ao seu trabalho semiótico explorando, por exemplo, a semiótica plástica (Floch, 1985), semiótica tensiva (Zilberberg, 2015) e práticas semióticas e semiótica discursiva (Fontanille, 2012), entre tantos outros especialistas e trabalhos, essa linha da semiótica permanece produzindo teorias, métodos e práticas para tratar da forma, do conteúdo, do sentido, do significado, da significação, da relação linguagem e cognição (Nöth, 1996; Zilberberg, 2006; Fiorin, 2007; Mussalim & Bentez, 2011; Nöth & Santaella, 2017; Lopes & Hernandez, 2021).

Evidentemente que essa linha da semiologia e da semiótica influenciou outras tantas correntes da linguística, como por exemplo algumas abordagens da semântica, a linguística funcionalista, a linguística discursiva e textual, a sociolinguística, a lexicografia, a lexicologia, a morfologia, a terminologia, a linguística histórica, entre outros. No entanto, os estudos na ciência da informação direcionados às linguagens documentais continuam tendo como referência a semiologia de F. Saussure e os princípios formais do Círculo de Viena, a destacar os postulados de Frege, Russell e Carnap. É fato que a semiologia é precursora, mas também é fato que muitos avanços importantes sobre a significação já deveriam estar incorporados nos estudos do campo.

Na Espanha, há estudos motivados pelas teorias de L. Hjelmslev, como de García Gutiérrez (1984), Izquierdo Arroyo (1990, 1993, 1995), Izquierdo Alonso e Moreno Fernández (2010) e Izquierdo Alonso; Moreno Fernández e Sánchez Domínguez (2012); há também estudos que abordam a semântica estrutural ou traços da semiótica de Greimas, como Izquierdo Arroyo; outros estudos, como de Gil-Leiva que explora fundamentos da linguística textual e da linguística discursiva na vertente cognitiva de Van Dijk, Beaugrande e Dressler (Gil-Leiva, 2021).

Já no Brasil, os estudos são experimentais no que tange a reconhecer o alcance e limites dessas teorias linguísticas, todavia merecem destaque os trabalhos de Lara (1993, 2001, 2004a, 2004b, 2006, 2007, 2008, 2009, 2011); Tálamo e Lara (2009); Maimone e Tálamo (2011), que seguiram os fundamentos da França no que diz respeito à linguagem documentária, mas buscaram nos seguimentos espanhóis caminhos para tratar dos aspectos linguísticos. Lara (1993, 2001, 2004a, 2004b, 2006, 2007, 2008, 2009, 2011),

por exemplo, trabalha em busca de consolidar a linguística documental no Brasil seguindo os passos de García Gutiérrez (1984) e Izquierdo Arroyo (1990, 1993, 1995).

A terminologia, por sua vez, tão importante como fundamento e parâmetro para elaboração de tesouros e consolidação de uma linguagem especializada tanto para a representação do conhecimento como para a representação da informação, surge na década de 1930, oriunda do Círculo de Viena, logo fundamentada na lógica, apresentou seus segmentos, em destaque, nos trabalhos encabeçados pelo engenheiro austríaco E. Wüster, quem deu origem a teoria geral da terminologia (TGT) (Gomes, 2021; Almeida, 2003, 2006).

Embora estivesse diante de problemas semânticos, cognitivos e científicos, já que era preciso sistematizar um conjunto de termos que pudessem estabelecer a relação semântica, a conexão intelectual entre linguagem e realidade, além de funcionar como recurso para promover de modo eficiente a comunicação científica se manteve no plano da forma, em que o sentido é decorrente da construção social ou na relação sintática.

Por sua vez, o avanço nos estudos sobre a terminologia proposto por Cabré (1993, 2003) encontra uma versão voltada para aspectos sociais. Outrossim, Cabré (2003) defende que a terminologia é um conjunto de expressões aplicada para evidenciar o pensamento especializado e, desse modo, transferir, comunicar e organizar. Para Almeida (2003, 2006), o estudo da terminologia é da preocupação da linguística, por sua vez da lexicologia e da lexicografia.

Diante disso, embora Cabré (1993, 2003) apresente um modelo social, com preocupações cognitivas, ainda é possível reconhecer que sua concepção de linguagem se restringe ao estudo da forma, já que a especialista defende que a terminologia é constituída por três áreas do conhecimento: a linguística, que se responsabiliza pelo estudo da forma; a filosofia, que se preocupa com os aspectos do conceito; e a ciências de especialidade, que oferece o pensamento e organização para que a terminologia possa efetuar a composição do vocabulário.

Isso demonstra que essa teoria da terminologia não reconhece que haja fundamentos da metafísica e da ontologia, ou seja, princípios filosóficos no processo de representação e mediação da realidade intrínsecos aos estudos da linguística e da filosofia da linguagem. Importante salientar que os estudos sobre a linguagem já implementaram aspectos teóricos que atrelam a linguagem aos fundamentos filosóficos, ou seja, o estudo da

linguagem não se resume somente o processo de descrição da realidade e de comunicação.

Frente a isso, fica evidente que os estudos norteadores do tratamento da linguagem e do documento na ciência da informação ainda estão apegados a teorias antigas ou, ao menos, que também apresentam concepções antigas acerca dos estudos da linguagem, por isso a preocupação com a linguagem é secundária e restrita às discussões sobre a forma, assim não há estratégias para explorar a interpretação do conteúdo através da linguagem.

Seguindo o critério de organização aplicado a esta pesquisa, a segunda linha da linguística no cenário mundial é de natureza russa. Estudos sobre a leitura e a interpretação remontam as obras apresentadas por V. Propp, em que há uma relação com o folclore russo e técnicas de generalidade para observar padrões nas histórias e, assim, poder classificá-las. É bem verdade que essa linha de análise inspirou A. J. Greimas (1978) no desenvolvimento de seu percurso gerativo de sentido.

Outro teórico russo, com passagens pelos principais círculos de desenvolvimento da linguística, é R. Jakobson. Além de explorar aspectos da semiótica, como a ciência do signo, explorando tanto Saussure, como também apresentando interesse pela produção filosófica de C. S. Peirce. No entanto, o cerne do seu trabalho se direciona às preocupações com a comunicação, assim decorrente da teoria matemática da informação, apresenta sua teoria da comunicação, ampliando os atributos dos elementos da comunicação, enfatizando o código e o conteúdo da mensagem, além de destacar o papel importante do receptor na interação da comunicação. Nessa linha, também direcionou seus estudos à informação literária e se preocupou com os recursos da linguagem responsáveis pela evidência do conteúdo poético (Nöth, 1996; Fiorin, 2007; Mussalim & Bentez, 2011). Com isso, desdobrou os elementos da comunicação em funções da linguagem, em que se ocupou da complexidade da função poética quando comparada à função referencial (Nöth, 1996; Fiorin, 2007; Mussalim & Bentez, 2011).

Outrossim, o ponto mais relevante para o desenvolvimento da linguística mundial foram os desdobramentos do grupo denominado círculo de Bakhtin (Ponzio, 2011). M. Bakhtin e seus discípulos inicialmente se dedicaram ao estudo do signo, um viés do signo linguístico de Saussure, porém com acréscimos marxistas, assim apresentando uma versão de signo ideológico, em que se evidencia o significado e a significação

gerados em uma arena discursiva (Bakhtin, 2006, 2011; Ponzio, 2011).

Nessa linha, Bakhtin e seus discípulos debatem o papel do sujeito discursivo e a importância da alteridade na relação entre sujeitos inseridos no mesmo cenário discursivo e, muitas vezes, com interesses distintos acerca do objeto de discussão. Desse modo, não é objeto que motiva a tomada de decisões, mas sim a ideologia que se manifesta no objeto através de um signo (Bakhtin, 2006, 2011; Ponzio, 2011).

Além disso, Bakhtin apresenta a teoria do gênero textual, revolucionária em muitos aspectos, principalmente no que tange à concepção de texto, sua formatação estrutural, sua organização física e formal, bem como sua função social na transmissão do conteúdo, ou seja, os gêneros textuais fomentam pressupostos na comunicação, já que estabelecem regras de formatação do texto a fim de evidenciar as intenções do texto e modalizações de sua manifestação nos meios sociais adequados e ajustados aos diversos gêneros textuais (Bakhtin, 2006, 2011; Ponzio, 2011).

Os estudos russos acerca da linguagem sempre estão preocupados com a cultura e com a presença do outro na interação comunicacional. Derivado de uma herança marxista, esses estudos não se apegam apenas à forma, ou se detém aos aspectos do conteúdo como se fossem particularidades que se unem para formar uma peça maior. Ao contrário, os russos comprovam que os aspectos linguísticos são complexos e seus elementos não são explorados isoladamente, mas sim apenas funcionam em conjunto, portanto a linguagem é uma somatória de fenômenos que visam ao discurso, à comunicação e, principalmente, às pessoas (Ponzio, 2011).

Ainda nessa linha cultural, destaca-se o trabalho de Lotman (1979) à frente da chamada semiótica da cultura. Apresentando uma base fundamentada na semiologia de Saussure, sua aplicabilidade apresenta avanços inerentes aos fatores ideológicos e culturais, sendo estes determinantes para a fomentação do significado e norteadores da interpretação acerca da significação. Nessa perspectiva, Lotman (1979) apresenta sua concepção de semiosfera, ou seja, uma camada social em que uma espécie de ecossistema à base do signo orientasse a conduta dos humanos, ou seja, o pensamento humano é consequência dos produtos semânticos e semióticos construídos pelas pessoas pertencentes a uma semiosfera determinada (Schnaiderman, 1979).

Outro estudo que merece atenção, embora não seja voltado especificadamente para a linguística, utiliza-se da linguagem, ou melhor, do signo para compreender o processo cognitivo. Trata-se

da teoria da linguagem e da mente, também conhecido como sociointeracionismo, ou construtivismo histórico, desenvolvida por L. S. Vygotsky. Uma teoria da psicologia, aplicada à aprendizagem e à cognição, em que prevê a importância da experiência, da relação social e histórica e da linguagem como condutora de significados. Acionada pela zona de desenvolvimento proximal, a pessoa em um estágio potencial de aprendizagem pode acessar novos conhecimentos frente à mediação de pessoas mais experientes, portanto a interação é fundamental no processo de significação (Vygotsky, 2007, 2008).

Frente a essa exposição teórica, observa-se que essa corrente linguística se direciona a estudos cuja finalidade é buscar respostas sobre a significação. Entretanto, a concepção do significado não é previamente estabelecida como herança social, ao contrário, o sentido é construído em parcimônia, já que a alteridade é ponto fundamental e, assim, a significação se constrói em parceria, analisando a compreensão do outro, possibilitando a participação não apenas daqueles que fazem parte de grupos de interesses comuns, mas sim garantindo o acesso de todos à informação. É fato que a defesa da tese russa foi mais fácil do que transformá-la em realidade, porém suas bases teóricas podem contribuir para o desenvolvimento de práticas, estratégias, métodos de análise e interpretação de texto.

Como já foi dito, estudiosos de Brasil e da Espanha já olharam para as teorias da linguística argumentativa e textual, todavia os estudos russos podem ampliar as discussões, visto a preocupação com os gêneros textuais e com os gêneros discursivos.

A indexação é conduzida por protocolos, normas e políticas que garantem a convergência da linguagem natural para a linguagem técnica, a terminologia, bem como o uso desta para a confecção de tesouros, os quais são inseridos nos sistemas informacionais para facilitar a interoperabilidade e navegação, contudo, antes da escolha dos conceitos que representam o documento, é preciso realizar uma leitura, a qual se estabelece pelo teor técnico-científico de cunho especializado, portanto inserido em uma semiosfera específica, em que é preciso questionar o teor ideológico do signo que se converte em terminologia a fim de se garantir que a prática de indexação não valorize apenas o discurso padrão. Desse modo, a prática de indexação pode questionar os valores opressores, recuperar conceitos inerentes aos grupos excluídos, principalmente quando se trata de indexação de documentos em ciências humanas.

Por fim, conforme a esquematização proposta, a terceira corrente da linguística em âmbito mundial, trata-se da corrente estadunidense. Ela surge com os estudos formalistas, em destaque o trabalho de Bloomfield (1973), que dialoga com fundamentos saussureanos. Porém, um grupo de filósofos da linguagem acabam dedicando seus estudos para compreender a relação língua, linguagem e mente, assim transitando de uma abordagem formalista e ultrapassada para uma abordagem cognitivista e moderna. Encabeçando esses estudos estão pesquisadores do MIT, destacando N. Chomsky.

Nessa perspectiva, os estudos da linguagem se unem pelo viés da linguística e da filosofia da linguagem, do mesmo modo que muitos dos resultados contribuem para o desenvolvimento das duas áreas. De modo geral, pode-se apontar os estudos da lógica na compreensão da sentença, ou seja, inicialmente os estudos de N. Chomsky exploraram a formatação sintática da língua a fim de compreender os fundamentos do sistema computacional de uma língua específica e como esta poderia interferir na formatação de uma mente computacional humana.

Por sua vez, Chomsky dá seguimento ao que ficou conhecida como gramática gerativa. Com avanços de seus estudos, Chomsky passa a defender uma composição biológica humana capaz de realizar a cognição, dessa maneira essa composição seria responsável por possibilitar uma gramática universal, da qual seria decorrente a capacidade humana de desenvolvimento dos aspectos linguístico, denominado de Língua-I a partir do *input* promovido pela interação com a língua social, denominada de Língua-E (Chomsky, 2009, 2014; Kenedy, 2016).

Com as preocupações voltadas para fatores inerentes à composição da mente, ou melhor, para a composição da cognição, os estudos de Chomsky (2009, 2014) se tornaram fundamentais para o desenvolvimento de outras linhas da linguística, como a psicolinguística e os estudos de aquisição da linguagem, além da neurolinguística, estudos que exploram os recursos da cognição e qual é o papel da linguagem na ativação desses recursos. Ademais, os estudos sobre a psicologia da linguagem foram fundamentais também para o desenvolvimento da semântica cognitiva e da linguística computacional.

Além de Chomsky, o MIT proporcionou outros estudos importantes sobre a mente computacional, a máquina semântica e os recursos de compreensão da realidade decorrentes de uma interação linguagem, cognição e referência. Nessa linha, destacam-se os trabalhos de Dowty (1979), Fodor (1984, 2014), Vendler (1984), Jackendoff

(1985, 1990), Pinker (2002) e Talmy (2017), entre outros, que debatem sobre a natureza da linguagem na mente humana, bem como os aspectos de significação cognitiva, ou seja, se a significação é decorrente do sentido psicológico, ou se a significação é motivada pelos fatores extralinguísticos inerentes à natureza do objeto, do fenômeno ou do evento.

De modo geral, poucos são os estudos dessa linha que ganharam fama e destaque entre a comunidade linguística no Brasil e na Espanha, em destaque essas discussões se concentram nos trabalhos de N. Chomsky, no entanto muitos especialistas no Brasil têm explorado suas fundamentações principalmente pela crescente discussão sobre neurociência e o impacto dos fatores mentais e psicológicos para a cognição humana. Desse modo, trabalhos que exploram a mente computacional e a linguística computacional ganham destaque no cenário brasileiro, em áreas que envolvem a computação, já sendo possível reconhecer algumas abordagens no universo da ciência da informação, através do processamento em linguagem natural.

Embora não sejam teorias recentes, os estudos sobre organização e representação do conhecimento e da informação não estão explorando essa linha da linguística com profundidade. Na Espanha, trabalhos de Gil-Leiva apresentam aproximação com fatores cognitivos, baseando-se nos estudos de Van Dijk sobre a linguística discursiva e textual. Porém, o trabalho de Van Dijk ou até mesmo de Ducrot não aprofundam a análise nas conjunturas da neurociência.

Os trabalhos dessa terceira linha da linguística poderiam contribuir para analisar os fatores psicológicos que envolvem o trabalho de leitura, tratamento e análise do documento, compreendendo os caminhos mentais para a compreensão dos temas, para a identificação dos conceitos e para a seleção dos termos aplicados na indexação.

Além disso, abre-se a hipótese de discutir sobre uma máquina semântica para a indexação fundamentada no *input* de tesouros que poderiam filtrar a linguagem natural durante a busca e a recuperação do documento. Outrossim, é possível haver a contribuição para a indexação automática, frente à compreensão da mente computacional e avançar no entendimento do sistema informacional das línguas, além de direcionar mecanismos para estabilizar a tradução envolvendo tesouros em diferentes línguas e ainda sistematizar os avanços da psicolinguística e da linguística computacional.

De modo geral, tanto as teorias da linguística quanto as teorias da filosofia da linguagem apresentam um cenário extremamente amplo e que vem abordando vários fundamentos que envolvem a linguagem em direção ao sentido, ao significado e à significação, assim relacionando seus atributos à forma, aos recursos para que a forma gere significação e acesso ao conteúdo, seja pelo enunciado, pela enunciação, pela semiótica, pelo discurso, utilizando-se dos elementos da linguagem, como também avançando nos quesitos que envolvem a cognição humana.

4. Linguagem e indexação

A indexação é um processo fundamentado em sistematizações que visam a uma espécie de padrão para que os mecanismos de busca sejam eficientes na recuperação da informação. Consequentemente, o sistema em que as informações são inseridas são organizados através da lógica. Somado a isso, a prática do profissional da indexação é orientada por políticas e normas, bem como a linguagem adequada para a sua realização, ou seja, uma linguagem documental elaborada a partir de terminologia especializada no conhecimento científico ou cultural que será conteúdo da indexação.

Assim, é válido discutir as marcações linguísticas na organização do enunciado de um texto e reconhecê-las para direcionar as estratégias de leitura e interpretação. Com isso, propõe-se analisar a presença de modais presentes nas estratégias de indexação.

Nessa linha, a indexação se consolida através de uma leitura especializada, denominada de leitura documental, em que ocorre o tratamento da informação presente no documento analisado a fim de que os conceitos sejam evidenciados e, consequentemente, possam ser traduzidos em uma linguagem de indexação, ou seja, esses conceitos são nomeados por termos que perfazem o banco de dados do sistema informacional. Diante disso, a indexação visa a um procedimento realizado com exatidão, ou, ao menos, sob perspectivas que ofereçam ao sistema informacional mecanismos precisos para que a indexação execute sua função com eficiência.

Sob essas determinações e toda a tradição pressuposta no processo de indexação, não haveria mais problemas a serem questionados e refletidos, já que, como indicado, a indexação está fundamentada em procedimentos lógicos e protocolares, assim bastaria que os protocolos e a política de indexação conduzissem o trabalho do indexador e a formulação do sistema informacional. Nessa linha, o usuário padrão, conhecedor

dos pressupostos protocolares, da política aplicada àquele sistema de informação e conhecedor da linguagem de indexação realizaria o percurso de acesso com tranquilidade.

Porém, o que se evidencia é que o processo de indexação apresenta limites, ou melhor, se por um lado há requisitos para funcionar com eficiência em sistemas informacionais fechados; por outro, diante de sistemas informacionais mais complexos e estes submetidos a usuários de diversos perfis, as regras de indexação se deparam com muitas variáveis, embora haja controle de exaustividade, especificidade, revocação e de precisão.

Como já detectado, o ponto frágil desse processo é a linguagem, pois com o uso e aplicação da linguagem também se estruturam o contexto, a intencionalidade, a aspectualidade de figuras e temas, além de fatores cognitivos inerentes à experiência, à percepção dos fatores que se apresentam diante do usuário no momento de efetuar a busca e ao conhecimento da especificidade do assunto e dos temas abordados, assim como conhecimento linguístico para nomear seus objetos, pensamentos e resultados.

A indexação é parte importante dos serviços de organização e representação da informação, por sua vez, para alcançar seu resultado final, a informação é tratada, analisada e significada em várias camadas e níveis, por isso os estudos que correlacionam a indexação e as teorias da linguagem, sejam pela linguística, seja pela filosofia da linguagem devem atuar com cuidado e atenção às propostas das teorias, com o fito de que se concentre em uma discussão filosófica que envolva a significação, o enunciado e a enunciação, pois a indexação se posiciona ancorada ao enunciado e dele extrai uma parte mínima de significação, aquilo que se julga suficiente para representar toda a enunciação e todo os fatores interdiscursivos presentes no documento.

Evidentemente que a indexação não apresenta como preocupação central fatores relacionados à significação apresentada no texto, pois seu objetivo se restringe a representá-lo em um sistema informacional e que seus mecanismos sejam funcionais para a recuperação desse documento, o qual será ressignificado posteriormente pelo seu leitor/usuário.

No entanto, a questão que fica diante desses fatores é sobre o roteiro de indexação, ou seja, quais questionamentos o indexador deve fazer ao texto para extrair a informação? O modelo midiático fundamentado nos pronomes modais de interrogação (Quem? O quê? Onde? Quando? Como? Por quê?), ou ainda as estratégias à base

dos nocionais adverbiais se mostram eficientes diante da nova demanda?

Os sistemas de informação com acesso aberto à pluralidade de usuário têm condicionado os mecanismos de busca, os quais recuperam músicas apenas com o cantarolar da melodia, ou trechos dos textos. Assim, reconhece-se que as buscas se perfazem por novos recursos modais que se misturam aos tradicionais. Com isso, é recorrente a busca bibliográfica, a qual é conduzida pelo nome do autor ou da obra. Desse modo, os modais tradicionais podem trazer as respostas com tranquilidade.

Além disso, as pesquisas podem ser realizadas por assunto, data da publicação, tema ou recorte temático. Diante disso, essas buscas recorrem a aspectos semânticos, por isso indexação à base de tesouro proporciona resultados satisfatórios, já que há uma correlação hierárquica, associativa e partitiva, ou seja, faz-se uso da semântica lexical explorando a lexicologia e seus correspondentes em hiperônimo x hipônimo; meronímia e sinonímia. Ademais, muitos sistemas de informação fundamentados na lógica realizam a varredura e a recuperação através de mecanismos booleanos.

Por seu turno, o tipo de pesquisa que promove dificuldades de recuperação é a busca fundamentada no arcabouço temático, meio de investigação que o usuário pode realizar uma busca constituindo um hipertexto, ao ainda uma busca que se realiza através de aspectos transversais. Esse modelo de pesquisa é fundamentado em um determinado assunto ou recorte temático, sob o qual se estrutura a construção discursiva sobre o item em diversos campos científicos e culturais, ou seja, a pesquisa não se realiza sob o aprofundamento do assunto ou tema em um determinado referente a um determinado autor, um determinado segmento ou um determinado campo científico, mas sim fundamentado em recuperar o que for possível de produção sobre o objeto investigado.

Diversas produções sociais e culturais proporcionam a intertextualidade e a interdiscursividade. Com isso, o trabalho do profissional mediador da informação fica mais complexo, pois recuperar a informação tem sido um trabalho mais amplo e de diálogos mais profundos. Sendo assim, reconhece-se que além da divergência referente à aplicação do estrato linguístico para efetuar a pesquisa, há também fatores que impactam na abrangência da pesquisa, pois envolve significação, enunciação, intencionalidade e discurso.

Sob esses aspectos atrelados ao processo informacional e à qualidade da informação recuperada, seja sobre a profundidade do seu conteúdo,

seja sobre a precisão referente ao que se busca, fica evidente que novas demandas estão condicionando os mecanismos de tratamento informacional, tanto no que tange à representação, quanto ao que se refere à recuperação, à mediação, à compreensão, à aplicação e ao uso.

Sendo assim, é factual que o impacto da linguagem nesse recorte simbólico da interação informacional, por isso a necessidade de ampliação de estudos que explorem as diversas teorias da linguagem, da linguística e da filosofia da linguagem para estabelecer critérios de leitura e interpretação no tratamento da informação no reconhecimento dos conceitos. Esses conceitos são estruturados sob qual estratégia e para ser recuperado por quais grupos? Pois fica evidente que a nova demanda informacional exige novos modelos modais. Modelos estes que não se limitem ao enunciado tampouco ao conjunto de conceitos que circundam a superfície do texto. Esses modais são reflexo das formas de vida que orbitam o documento.

5. Considerações finais

A informação é um dos mais importantes recursos humanos para compreender a si e à realidade, assim exerce um papel extremamente importante na construção do conhecimento. Todo o percurso que envolve o tratamento da informação, a sua representação e organização em sistemas informacionais é conduzido pela linguagem. Essa linguagem se evidencia por ser uma linguagem especializada, elabora sob um estrato linguístico específico que é a terminologia, o qual é responsável por condensar pensamentos, conhecimentos, comunicações e ativar o processo cognitivo em seus usuários a fim de que estes compreendam sua atuação em determinados contextos e funções.

Assim sendo, esta pesquisa evidenciou que a terminologia é o principal recurso para a elaboração de linguagem documental, por conseguinte de tesouros, porém o que se apurou é que a maior parte dos fundamentos linguísticos que assessoram a indexação estão ancorados a uma teoria estruturalista, embora tantas outras teorias da linguagem, da linguística e da filosofia da linguagem já apresentaram novas abordagens e evoluções importantes para o tratamento da significação.

Outro ponto importante debatido é o fato de que a indexação é um processo que se realiza sob concepções protocolares a fim de que a prática da indexação seja amparada por uma política de indexação, por um sistema informacional à base da lógica e por uma linguagem de indexação que garanta precisão na recuperação da informação,

por isso a indexação se configura como uma etapa bastante exata no cenário da organização da informação.

Ademais, constatou-se que sendo a linguagem principal insumo para o processo de indexação, embora as normas e os protocolos fundamentem um conjunto de linguagem especializada para a representação do documento, a terminologia é um estrato linguístico e, por isso, sobre impactos de variações semânticas quando inserida no discurso que se expressam na composição e comunicação do documento. Com isso, não se pode ignorar o impacto da linguagem nesse processo. Outrossim, sendo evidente que o processo de organização e representação não se finaliza, quando o documento é cadastrado no banco de dados do sistema informacional, isto é, a linguagem é gestora das estratégias modais e cognitivas da recuperação da informação.

No entanto, também se evidenciou que com o advento da tecnologia e a ampliação do acesso à informação através de sistemas informacionais amplos, abertos e gerais e, além disso, acessado por usuários de perfis diversificados, manter a precisão e a eficácia na recuperação da informação tem se tornado um grande desafio para os sistemas informacionais e para os profissionais responsáveis pela elaboração dos objetos informacionais que conduziram o acesso à informação.

Ademais, esta pesquisa também evidenciou o impacto dos fatores cognitivos na leitura, interpretação e busca pela informação e a interação com o documento, seja pelo indexador, seja pelo leitor e apontou a necessidade de se refletir sobre as estratégias de indexação referentes às estratégias modais. A tradição inerente à indexação viabilizou entre tantos modelos os pronomes interrogativos, os aspectos nocionais, facetas, todavia discutiu-se o fato de que os aspectos modais conduzem o formato da indexação, e a estratégia por trás da formatação dos modais no tratamento da informação é o modelo que impacta na conduta do usuário ao realizar suas buscas.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

- Almeida, Gladis. M. B. (2003). O percurso da terminologia: de atividade prática à consolidação de uma disciplina autônoma. // TradTerm. 9:1, 211-222.
- Almeida, Gladis. M. B. (2006). A teoria comunicativa da terminologia e a sua prática. // Alfa. 50:2, 85-101. São Paulo.

- Bakhtin, Mikhail. M. (2006). Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Trad. Michel Lahud, Yara Frateschi Vieira. 12. São Paulo: Hucitec.
- Bakhtin, Mikhail. M. (2011). Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra. 6. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Bloomfield, Leonard. (1973). Language. London: George Allen & Unwin LTD.
- Cabré, Maria. T. (1993). La terminología: teoría, metodología, aplicaciones. Trad. Carles Tebé. Barcelona: Editoria Antàrida/Empúres.
- Cabré, Maria. T. (2003). Theories of terminology. // Terminology. 9:2. 163-199.
- Chomsky, Noam (2009). Linguagem e mente. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora UNESP.
- Chomsky, Noam (2014). A ciência da linguagem: conversas com James McGilvray. Trad. Gabriel Ávila Othero, Luisandro Mendes Souza, Sérgio de Moura Menuzzi. São Paulo: Editora Unesp.
- Corrêa, Renato. F. e Lapa, Remi C. (2015). Panorama de estudos sobre Indexação Automática no âmbito da Ciência da Informação no Brasil (1973-2012). // Ciência Da Informação. 42:2. <https://doi.org/10.18225/ci.inf.v42i2.1385>
- Dowty, David. R. (1979). Word meaning and Montague grammar: The Semantics of verbs and times in Gerative Semantics and in Montague's PTQ. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Fiorin, José. L. (2007). Introdução à lingüística. 5. São Paulo: Contexto.
- Floch, Jean. M. (1985) Petites mythologies de l'oeil et de l'esprit: pour une sémiotique plastique. Amsterdam: Hadès-Benjamins.
- Fontanille, Jacques (2012). Semiótica y literatura: ensayos de método. Trad. Desidero Blanco. Lima: Universidad de Lima, Fondo Editorial.
- Fodor, Jerry. A. (1984) El lenguaje del pensamiento. Trad. Jesús Fernández Zulaica. Madrid: Alianza Editorial, SA.
- Fodor, Jerry. A. (2014). Mente e linguaggio. Trad. Francesco Ferretti. Bari: Editori Laterza.
- Fujita, Mariangela. S. L. (2016). A linguagem documentária na negociação de uma política de indexação para bibliotecas universitárias: procedimentos e estratégias da pesquisa-ação integral. // Revista Conhecimento em Ação. 1:1, 2-17. doi:<https://doi.org/10.47681/rca.v1i1.3555>. Rio de Janeiro.
- Fujita, Mariangela. S. L. (2021). A política de indexação para representação e recuperação da informação. // Gil Leiva, Isidoro, Fujita, Mariangela. S. L. (eds). // Política de indexação [online]. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2021. 257 p. ISBN: 978-65-5954-130-0. <https://doi.org/10.7476/9786559541300>.
- Fujita, Mariangela. S. L.; Isidoro. Gil-Leiva.(2009). Políticas de indexação na américa latina. // Ibersid: revista de sistemas de información y documentación. 3:1, 155-162. ISSN 2174-081x; issn 1888-0967. <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/167288>.
- Fujita, Mariangela. S. L.; Gil-Leiva, Isidoro. (2014). Avaliação da indexação por meio da recuperação da informação. // Ci. Inf. 41:1, 50-66. Brasília.
- García Gutiérrez, Antonio (1984). Lingüística documental: aplicación a la documentación de la comunicación social. Barcelona: Mitre.
- Gil-Leiva, Isidoro (2021). Aspectos conceituais da Indexação. Gil Leiva, Isidoro, Fujita, Mariangela. S. L. (eds). // Política de indexação [online]. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2021, 257 p. ISBN: 978-65-5954-130-0. <https://doi.org/10.7476/9786559541300>

- Gil-Leiva, Isidoro; Rodríguez Muñoz, José Vicente; (1996). El procesamiento del Lenguaje natural aplicado al análisis del contenido de los documentos. // Revista General de Información y Documentación, 6.2. Madrid: Servicio de Publicaciones Universidad Complutense.
- Gomes, Hagar. E. (2021). Terminologia e estrutura conceitual. // PontodeAcesso, 15:3. <https://doi.org/10.9771/rpa.v15i3.47464>
- Izquierdo Alonso, Monica; Moreno Fernández, Luis Miguel. (2010). Perspectives of the studies on document abstracting: towards an integrated view of models and theoretical approaches. // Journal of Documentation. 66:4, 563-584.
- Izquierdo Alonso, Monica; Moreno Fernández, Luis Miguel; Sánchez Domínguez, M del Carmen (2012). Reflexiones sobre el resumen documental y la práctica resumidora: revisión y sistematización de enfoques teórico-prácticos. // Actas del X Congreso ISKO Capítulo Español (Ferrol, 2011), Universidade da Coruña (España).. 353-369.
- Izquierdo Arroyo, José María (1990). Esquemas de Lingüística Documental. Barcelona: PPU. 3 vols.
- Izquierdo Arroyo, José María (1995). La organización documental del conocimiento. Madrid:Tecnidoc.
- Izquierdo Arroyo, José María (1993). De la Semiótica del Discurso a la Semiótica Documental. Epílogo. // Moreiro González, J. A. Aplicación de las Ciencias del Texto al resumen documental. Madrid: Univ. Carlos III; // Boletín Oficial del Estado. 199-216.
- Jackendoff, Ray S. (1985). Semantics and Cognition. Massachusetts: The MIT Press.
- Jackendoff, Ray S. (1990) Semantics Structures. London: The MIT Press.
- Kenedy, Eduardo. (2016). Curso básico de linguística gerativa. São Paulo: Contexto.
- Lara, Marilda L. L. G. (1993). Algumas contribuições da semiologia e da semiótica para a análise das linguagens documentárias. // Ciência da Informação. 22:3. <https://doi.org/10.18225/ci.inf.v22i3.480>
- Lara, Marilda L. L. G. (2001). O unicórnio (o rinoceronte, o ornitorrinco...), a análise documentária e a linguagem documentária. // DataGramZero. 2:6. <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/5294>.
- Lara, Marilda. L. L. G. (2004a) Linguagem documentária e terminologia. // Transinformação, 16:3, 231-240. <https://doi.org/10.1590/S0103-37862004000300003>.
- Lara, Marilda. L. L. G. (2004b) Diferenças conceituais sobre termos e definições e implicações na organização da linguagem documentária. // Ciência da Informação. 33:2. <https://doi.org/10.18225/ci.inf.v33i2.1050>.
- Lara, Marilda L. L. G. (2006). É possível falar em signo e semiose documentária?. // Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação. 18-29. <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2006v11nesp3p18>
- Lara, Marilda L. L. G. (2008). Informação, informatividade e linguística documentária: alguns paralelos com as reflexões de Hjørland e Capurro. // DataGramZero. 9:6. <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/6550>.
- Lara, Marilda L. L. G. (2009). Linguística Documentária: seleção de conceitos. 2009. Tese (Livro Docência em Análise Documentária) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. <https://doi.org/10.11606/T.27.2019.tde-21112019-191517>
- Lara, Marilda L. L. G. (2011). Conceitos de organização e representação do conhecimento na ótica das reflexões do grupo temma. // Informação & Informação. 16:2, 92-121. <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2011v16n2p92>
- Lopes, Ivan. C.; Hernandes, N. (2021). Semiótica: objetos e práticas. 2. São Paulo: Contexto.
- Lotman, Iurii. M. (1979). Sobre o problema da tipologia da cultura. Semiótica Russa. Schnaiderman, Boris (org.). São Paulo: Perspectiva. 31-42.
- Maimone, Giovana D.; Tálamo, Maria de Fátima G. M. (2011). Linguística e terminologia: contribuições para a elaboração de tesouros em ciência da informação. // DataGramZero. 12:2. <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/7356>
- Milani, Sebastião. E. (2016). Relato da obra de Ferdinand de Saussure. Rio de Janeiro: Barra Livros.
- Mussalim, Fernanda.; Bentes, Anna Chistina. (2011). Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos, 3:5. São Paulo: Cortez.
- Mussalim, Fernanda.; Bentes, Anna Chistina. (2012). Introdução à linguística: domínios e fronteiras, 1:9. São Paulo: Cortez.
- Nöth, Winfried. (1996). A semiótica no século XX. São Paulo: ANNABLUME.
- Nöth, Winfried.; Santaella, Lúcia. (2017). Introdução à semiótica: passo a passo para compreender os signos e a significação. São Paulo: Paulus.
- Pinker, Steven. (2002). O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes.
- Ponzio, Augusto (2011). A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bahktin e a ideologia contemporânea. Trad. Valdemir Miotello. São Paulo: Contexto.
- Schnaiderman, Boris. (1979). Semiótica Russa. Trad. Aurora Fomoni Bernardini, Boris Schnaiderman, Luci Seki. São Paulo: editora Perspectiva.
- Saussure, Ferdinand. (2006). Curso de linguística geral. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 27. São Paulo: Cultrix.
- Tálamo, Maria de Fátima. G. M.; Lara, Marilda. L. L. G. (2009). Interface entre linguística, terminologia e documentação. // Brazilian Journal of Information Science. 3:2. <https://doi.org/10.5016/brajis.v3i2.361>
- Talmy, Leonard (2017). The targeting system of language. Massachusetts: The MIT Press.
- Unesco. (1981). Indexing principles. Trad. Maria Cristina Mello Ferreira Pinto. Belo Horizonte: R. Esc. Bibliotecon.
- Vender, Zeno (1984) The matter of minds. New York: Oxford Clarendon Press.
- Vigotsky, Lev. S. (2007). A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotsky, Lev. S. (2008). Pensamento e linguagem. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 4. São Paulo: Martins Fontes.
- Zilberberg, Claude. (2006). Razão e poética do sentido. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Bevidas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Zilberberg, Claude. (2015). La estructura tensiva. Trad. Desidero Blanco. Universidad de Lima: Fondo Editorial.

Enviado: 2023-04-01. Segunda versión: 2023-09-13.
Aceptado: 2023-11-08.

